
**Pantera Negra:
Análise de recepção do filme entre fãs e *haters* no Twitter¹**

Ana Carolina VERTUOSO²

Hilario Junior dos SANTOS³

Universidade Comunitária Regional de Chapecó, Chapecó, SC

Resumo

Esta pesquisa analisa a recepção do filme Pantera Negra (2018) no Twitter, rede social caracterizada por Santaella e Lemos (2010) como catalisadora de novos processos de inteligência coletiva. Utilizando a Teoria Fundamentada, percebe-se que o debate acerca do filme revela padrões do comportamento do fãs e dos *haters*, além de inverter a Espiral do Silêncio. O processo de classificação de *tweets* também mostra que o público da obra caracteriza-se como uma multidão, mesmo com o cinema sendo um meio de massa.

Palavras-chave: Cultura digital; Pantera Negra; Twitter.

Introdução

Ao observarmos o atual contexto, percebe-se que esta pesquisa se mostra relevante por analisar a recepção do público a um produto cinematográfico que aborda temas antes pouco explorados, como a inclusão social e o protagonismo de um super herói de quadrinhos de origem afrodescendente, focando na cultura africana. A partir das discussões levantadas, é possível analisar a recepção do público, bem como entender mais sobre o comportamento do "*hater*" nas mídias sociais.

Pantera Negra (*Black Panther*, 2018) insere o homem negro na narrativa em posição de poder. T'Chaka e, mais tarde, T'Challa são reis de uma nação rica e na vanguarda de seu tempo, porém, escondida da geopolítica mundial. No filme, não se encontram clichês já estabelecidos em Hollywood para este tipo de personagem. O negro não é retratado como um homem pobre, criminoso e de baixa escolaridade, mas sim como líder sábio e um herói, primeiramente para seu povo e, mais tarde, o mundo todo. Além disso, o elenco é quase exclusivamente composto por negros. Apenas dois

¹ Trabalho apresentado na IJ 5 – Comunicação Multimídia do XX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 20 a 22 de junho de 2019.

² Estudante de Graduação. 5º semestre do Curso de Jornalismo da Unochapecó, e-mail: anavertuoso@gmail.com

³ Orientador do trabalho. Mestre em Comunicação Social. Professor do curso de Jornalismo da Unochapecó, e-mail: hjs@unochapeco.edu.br.

personagens relevantes para a trama são brancos: Everett Ross, membro da CIA que auxilia os personagens principais, e Ulysses Klaue, um dos vilões da trama.

O filme foi um sucesso crítico imediato, chegando próximo de atingir 100% de aprovação pela crítica especializada no *Rotten Tomatoes*⁴, maior site agregador de críticas de cinema e televisão. Além disso, quebrou paradigmas da indústria hollywoodiana de que filmes afrocêntricos não são capazes de conquistar grandes números no cinema. *Pantera Negra* arrecadou a nona maior bilheteria mundial da história⁵, a segunda maior em solo americano⁶ e a maior bilheteria de 2018⁷, à frente do carro chefe da franquia do Universo Cinematográfico da Marvel (*MCU*): *Vingadores*.

É importante, também, ressaltar a influência do estúdio produtor no sucesso conquistado. O filme é o 18º lançamento do *MCU*, franquia de maior sucesso comercial da história cinematográfica. Além disso, como é regra no universo, a obra baseia-se em uma série de quadrinhos homônimos, criados na década de 1960. O personagem havia sido introduzido na franquia no terceiro filme do *Capitão América - Guerra Civil* (2016).

Mesmo antes de sua estreia mundial, no dia 15 de fevereiro de 2018, o debate acerca do filme revelava uma divisão significativa do público nas redes sociais. Assim que o primeiro trailer foi lançado, tiveram início movimentos contra e a favor da obra. Enquanto alguns grupos, geralmente compostos por minorias, criaram campanhas de *crowdfunding* para motivar a população a ir ao cinema, outros grupos passaram a boicotar o filme, incentivando, por exemplo, que a obra fosse mal avaliada pela audiência no *Rotten Tomatoes*⁸. A principal razão parecia ser a rivalidade entre Marvel e DC, mas pode ter sido potencializada por questões de preconceito.

Tem-se, então, o surgimento de uma clara divisão que pode ser estudada. Assim, considerando a contribuição de Nascimento (2019), esta pesquisa apresenta-se como de natureza básica, com o propósito de "[...] gerar verdades, ainda que temporárias e relativas, de interesses mais amplos", porém, sem a necessidade de apresentar também

⁴ Disponível em: <https://www.rottentomatoes.com/m/black_panther_2018> Acesso em: 19 mar. 2019.

⁵ Disponível em: <<https://www.boxofficemojo.com/alltime/world/>> Acesso em: 19 mar. 2019.

⁶ Disponível em: <<https://www.boxofficemojo.com/alltime/domestic.html>> Acesso em 20 mar. 2019.

⁷ Disponível em: <<https://www.boxofficemojo.com/yearly/chart/?yr=2018&p=.html>> Acesso em 20 mar. 2019.

⁸ Disponível em: <<http://www.adorocinema.com/noticias/filmes/noticia-137596/>> Acesso em 02 abr. 2019.

uma aplicação prática do resultado. A abordagem do problema de forma qualitativa, por sua vez, permite a interpretação dos fenômenos observados e do significado que carregam, quanto que a finalidade descritiva aplica-se devido ao objetivo de "estudar as características de um grupo", como indica Gil (2008). No caso, o grupo analisado é o público de um filme.

A partir desta caracterização, a pesquisa adota o procedimento metodológico de investigação, coleta, produção e análise dos dados baseado na Teoria Fundamentada, proposta inicialmente por Glaser e Strauss (1967):

A partir do campo empírico, a TF recomenda a coleta sistemática de dados, bem como a constante comparação e análise desses dados (processo denominado codificação), que construirão, a partir dessa análise sistemática, memos teóricos que vão, ao final do processo, construir a teoria. A teoria, assim, emerge dos dados e não é construída pela reflexão teórica, construção de hipóteses e posterior verificação no campo empírico. (FRAGOSO; RECUERO; AMARAL, 2011)

Ou seja, estuda-se os dados para então descobrir as teorias. De forma "especialmente adequada para quem estuda temáticas novas e com poucas fontes bibliográficas" (FRAGOSO; RECUERO; AMARAL, 2011), como é o caso. Considerando a "relativa flexibilidade" existente na coleta de dados e os modelos de categorização proposto pela teoria, os dados desta pesquisa foram coletados no Twitter. A rede social foi escolhida por contar com um abundante número de críticas, tanto positivas quanto negativas. O que, para Santaella e Lemos (2010) a torna um "catalisador de novos processos de inteligência coletiva".

Deste modo, a sistemática da coleta consistiu em uma espécie de pesquisa de observação que dividiu-se, primeiramente, entre acompanhar a repercussão/recepção do filme na mídia social Twitter, capturando *tweets* que tivessem, ora engajamento positivo sobre o filme, ora negativo no período de lançamento e oito meses depois. Posteriormente a esta coleta, passou-se a fase reflexiva, na qual a TF se mostrou relevante.

A coleta subdividiu-se em três categorias para análise. Dos 38 *tweets* coletados, 23 são de texto, 6 possuem anexos (imagens ou vídeos) e 9 são classificados como de interação (respostas a outros usuários). Além disso, utilizando outro modo de

agrupamento, percebe-se que 11 são inteiramente a favor do filme, 12 são contra, sete são neutros e, por fim, oito são considerados negociadores. Ou seja, tem críticas à obra, mas não descartam sua importância. A amostra, apesar de pequena, revela padrões no pensamento do público. Dos exemplos positivos encontrados, destacam-se *tweets* sobre a aparência do elenco e, principalmente, sobre a representatividade negra. No exemplo abaixo, os internautas mencionam o fato de verem suas histórias na tela, mesma que de forma fictícia e alegórica.

Figura 1⁹: Comentário de usuária a favor



Fonte: www.twitter.com

Figura 2: Comentário a favor relacionado a representatividade



Fonte: www.twitter.com

⁹ Optou-se por manter usuário, foto de perfil e nome dos internautas por se tratarem de "publicações" e, portanto, voluntariamente feitas de maneira pública em redes sociais. Além disso, as informações mostram-se relevantes em alguns casos.

Ativismo de fã

Ações como estas, caracterizam-se como ativismo de fãs, uma atualização dos chamados movimentos de fãs, que surgiu graças às novas tecnologias. Este tipo de ativismo caracteriza-se, basicamente, como a “intersecção entre ativismo e engajamento político no domínio dos *fandoms*¹⁰, sobretudo relacionados aos produtos e celebridades da cultura pop” (AMARAL, 2014). Para Bennet (2012), isso tem início com as percepções de familiaridade que os fãs têm quando se encontram conectados a celebridades em plataformas como Twitter, Facebook e Instagram. Através do que Marwick e Boyd (2011) chamam de “intimidade performatizada”, os fãs se identificam com as celebridades e ao longo do tempo, passam a se engajar em causas apoiadas por seus ídolos.

No caso da Marvel, os fãs formam essas conexões com os atores que interpretam determinados personagens e também, com os próprios personagens. No entanto, se a conexão com os atores ocorre por meio de entrevistas, conferências e redes sociais, a conexão com os personagens se dá através dos filmes e dos quadrinhos. Assim, o fã do filme Pantera Negra, por exemplo, pode se engajar em campanhas apoiadas pelo protagonista, Chadwick Boseman, ou campanhas relacionadas aos temas abordados nos quadrinhos - como negritude, racismo, representatividade.

Exemplo disso, ocorreu pouco antes do lançamento do filme nos Estados Unidos, em janeiro de 2018. O fã e ativista Frederick Joseph organizou uma campanha¹¹ de *crowdfunding* a fim de arrecadar dinheiro suficiente para ajudar um grupo de crianças negras do Harlem, Nova Iorque a assistir o filme. O objetivo inicial de dez mil dólares foi ultrapassado rapidamente e graças a comoção dos fãs e colaboradores, até mesmo a apresentadora americana Ellen Degeneres contribuiu.

Devido ao sucesso da campanha, Joseph criou também o *#BlackPantherChallenge*, um desafio no Twitter em que ele incentiva jovens a criarem campanhas similares em suas próprias cidades. De acordo com o The Guardian, graças a hashtag, foram criadas mais de 200 campanhas como a de Frederick, que juntas

¹⁰ [...] sistema digital que engloba diversas manifestações próprias do campo literário, abarcando desde a produção e a recepção de textos até a crítica e a criação de produtos artísticos” (MIRANDA, 2009).

¹¹ A campanha pode ser acessada através de: <<https://www.gofundme.com/help-children-see-black-panther>>

arrecadaram mais de \$250,000. A atitude deste fã ilustra outra característica apontada por Bennet (2012): a mobilização através das redes de fãs na adoção de causas e ações que emergem de forma espontânea no próprio *fandom*, sem a participação das celebridades ou de pessoas ligadas a Marvel.

No Brasil, movimentos como estes também ocorreram. Os “rolezinhos” organizados por coletivos com o objetivo de levar o público negro ao cinema marcaram as semanas seguintes a estreia. Alguns, como o que foi organizado pelo Coletivo Preto¹² e o Grupo Emú¹³ no Rio de Janeiro, buscavam não apenas incentivar a presença de negros em locais tipicamente frequentados pela “elite branca”, mas também criticar a falta de profissionais negros no audiovisual.

No entanto, não são somente os fãs que se engajam em causas sociais. A nova estrela do universo cinematográfico, Brie Larson, intérprete da personagem Capitã Marvel, também utilizou sua influência no Twitter para ajudar jovens e promover Pantera Negra. A atriz pediu em sua conta oficial que quem tivesse condições financeiras, presenteara quem não tem com ingressos para o filme. A atitude gerou uma nova onda de solidariedade entre os fãs.

Porém, é importante lembrar também que iniciativas por parte dos atores e campanhas de *crowdfunding* são atos de resistência esporádicos. Não acontecem diariamente e não são as únicas formas de ativismo em um *fandom*. Como apontam Hollander e Einwohner (2004):

[...] a resistência nem sempre se apresenta como combativa e explícita, nem sempre busca romper com um dado sistema. Mesmo resistindo a uma fonte opressora, indivíduos podem, simultaneamente, apoiar estas mesmas estruturas de dominação. Este papel dual, ou paradoxal, da resistência, pode ser visto, por exemplo, nas formas cotidianas de resistência cujos propósitos passam despercebidos pelos seus alvos. Em outras palavras, resistência e assimilação podem coexistir em uma dada situação, pois indivíduos podem desafiar suas posições dentro de uma dada estrutura social sem, contudo, questionar a validade desta estrutura como um todo (HOLLANDER; EINWOHNER, 2004 *apud* AMARAL, 2014).

¹² Disponível em: <<https://www.facebook.com/Coletivo-Preto-160591501245910/>> Acesso em: 04 mai 2019.

¹³ Disponível em: <<https://www.facebook.com/grupoemu/>> Acesso em: 04 mai 2019.

De acordo com Amaral (2014), uma das peculiaridades dos *fandoms* é a criação, a apropriação e a reprodução de novos materiais relacionados aos seus respectivos ídolos e produtos midiáticos. Exemplos disso não faltam entre os fãs da Marvel. Devido ao grande número de filmes, quadrinhos, histórias e personagens da companhia, o número de fãs e de suas criações são enormes. Uma análise superficial das *fanfics* - contos fictícios escritos pelos próprios fãs - deixa claro que esse tipo de produção é um dos mais comuns dentro do *fandom*.

No maior site desse tipo de conteúdo, o Fanfiction¹⁴, é possível observar que na categoria filmes, “Os Vingadores” possuem 43 mil *fanfics* adicionadas ao site, atrás apenas de “Star Wars”, com 49 mil. Já na categoria de quadrinhos, “X-Men” aparece com 13,2 mil histórias, “Homem de Ferro” com 4,2 mil e a tag “Marvel” conta com 3,4 mil. Estes dados são apenas uma pequena amostra de todo o conteúdo disponível online, e comprovam o que Miranda (2009) já afirmava a quase uma década. O novo leitor é consciente de que:

[...] para chegar a uma forma de posse e participação dos bens culturais, precisa contribuir ativamente na reinvenção do cânon e na democratização da crítica ao próprio sistema criado. É através da apropriação da técnica e da conscientização sobre “como” fazer literatura e “como” apresentar-se no meio literário que este “novo leitor” está redefinindo o sistema da leitura e da produção textual na atualidade. (MIRANDA, 2009).

É importante ainda ressaltar o papel das redes sociais e da democratização da Internet para o surgimento e manutenção dos *fandoms*. Esse tipo de sistema de resistência ganhou força e sistematizou-se na era digital. A Internet, e as redes sociais, ampliaram “o espaço para negociações identitárias e estéticas” (MIRANDA, 2009), além de criarem uma - às vezes, falsa - sensação de proximidade entre fãs e celebridades.

Como Amaral (2014) comenta, o que diferencia o *fandom* de outros tipos de manifestações, é justamente o fato de ele possuir as peculiaridades típicas da Internet.

Embora se espelhe nos sistemas já estabelecidos pelas instituições que determinam e avaliam, oficialmente, as produções literárias, o *fandom* se

¹⁴ Disponível em: <<https://www.fanfiction.net/>>

diferencia por se constituir num espaço democrático e aberto, alheio a questões de poder e de interesses que transcendam a própria literatura. (AMARAL, 2014)

Porém, não foram apenas os fãs que se mobilizaram para expor sua opinião a respeito do filme. O impacto de Pantera Negra também motivou a ação de *haters*.

Haters e Críticos

Caracterizados por Rebeca Recuero (2017) como "sujeitos que buscam a violência sem justificativa clara frente à sociedade em suas interações online", os *haters* representam uma minoria na recepção do filme. Porém, apesar dos poucos números, sua existência representa um problema social emergente, "a intensificação da exposição de estigmas sociais, pois os discursos dos *haters*, na maioria das vezes, estão repletos de preconceito e termos pejorativos" (AMARAL, COIMBRA, 2015)

Figura 3: Interações negativas a respeito do filme



Fonte: www.twitter.com

Os discursos relacionam-se, mesmo que indiretamente, a "padrões morais impostos por grupos sociais dominantes". No caso, o ódio a obra geralmente parte de pessoas cujos ideais vão contra a valorização da negritude, o que pode gerar consequências reais, materiais.

Essa prática de violência (simbólica) é muitas vezes legitimada pela sociedade/rede, pois a "audiência invisível" muitas vezes aceita calada, sem denunciar. [...] No contexto dos sites de redes sociais, ler sem responder

também pode ser sinônimo de obedecer. Dessa forma, através da disseminação da violência simbólica os haters podem contribuir para que essa violência se torne concreta/física ao legitimar preconceitos e condutas morais. (AMARAL; COIMBRA, 2015)

Outro tipo de *hater*, que pode ou não ter as mesmas características do anterior, é o que odeia a obra por questões de *fandom*. Muitos fãs da DC Comics, principal concorrente da Marvel no cinema e nos quadrinhos, tem críticas infundadas a obra. Não falam de aspectos do filme, mas afirmam que é apenas um "lixo da Disney"¹⁵, pelo simples fato de ser de outra produtora, como fica claro no exemplo abaixo.

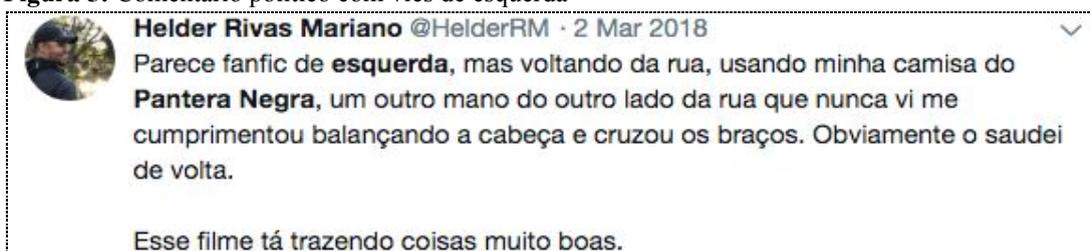
Figura 4: Conta de ódio criada por fã da DC Comics



Fonte: www.twitter.com

Além dos fãs e *haters*, outro tipo de tweet foi encontrado diversas vezes durante a coleta. A discussão sobre o filme ser "de esquerda" ou "de direita" insere questões políticas na narrativa, e não é unilateral. Como exemplificados nos exemplos 5 e 6, é possível encontrar internautas de ambos os lados do espectro político entendendo a obra de modos diferentes.

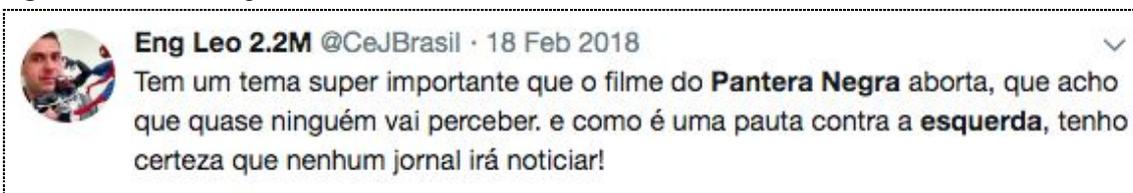
Figura 5: Comentário político com viés de esquerda



Fonte: www.twitter.com

¹⁵ "Filmes como Pantera Negra nunca ganharam o prêmio de Melhor Filme porque Pantera Negra é um lixo mediocre e superestimado da Disney. Eu tenho certeza que alguns fantoches da Disney argumentam que "Ele ganhou muito dinheiro!!". Porque dinheiro = qualidade. Certo." (tradução nossa).

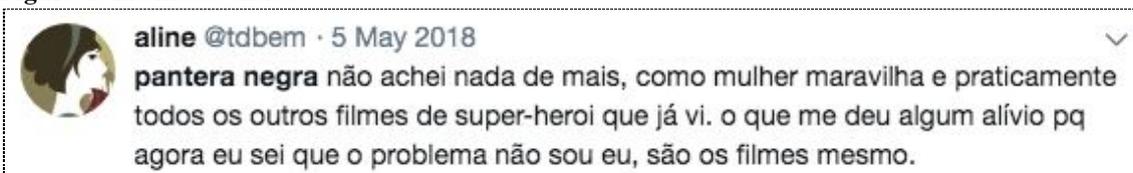
Figura 6: Comentário político com viés de direita



Fonte: www.twitter.com

Estes *tweets* fazem parte de uma categoria que envolve internautas negociadores. Não gostam do filme como um todo, mas não o odeiam. Não podem ser considerados fãs, nem *haters*. Muitos elogiam certos aspectos, como o que isso representa para o povo negro ou a performance de um ator em específico, e outros não gostam nem mesmo de filmes de super-heróis, como o usuário abaixo.

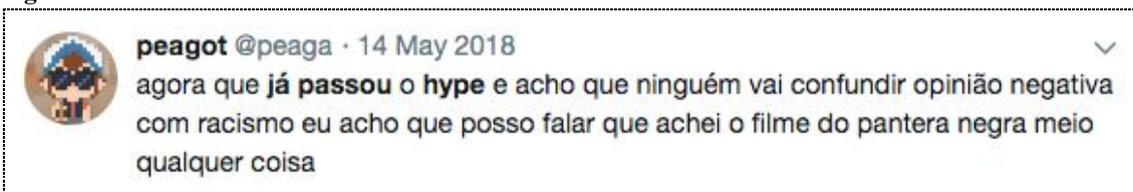
Figura 7: Internauta crítico



Fonte: www.twitter.com

Apesar das manifestações consideráveis dos *haters*, ou talvez por causa delas, críticas como estas são muitas vezes silenciadas. Opiniões negativas sobre a qualidade técnica do filme, como visto a seguir, foram, erroneamente, categorizadas como racismo. Isso fez com que parte do público tivesse medo de compartilhar sua opinião, ou sentisse a necessidade de esperar meses antes de expor o que pensam.

Figura 8: Comentário de usuário silenciado



Fonte: www.twitter.com

Esse fenômeno recebe o nome de “espiral do silêncio” e foi categorizado por Elisabeth Noelle-Neuman (1977), com o objetivo de explicar “a formação, a

continuidade e a alteração da opinião pública, bem como as suas funções e efeitos” (ROSAS, 2010, p. 157).

No seu cerne está a tese de que após sondarem o clima de opinião sobre um determinado tema (issue), o medo da exclusão social leva os indivíduos a não expressarem opiniões que os próprios percebem como sendo minoritárias ou tendencialmente minoritárias, o que leva, a termo, à afirmação, no espaço público, de uma opinião dominante (ROSAS, 2010, p. 157).

A opinião dominante quando se trata do filme *Pantera Negra* é positiva, com a maior parte do público tendo opiniões favoráveis e críticas positivas. Isto cria uma situação interessante, pois inverte a espiral proposta por Noelle-Neuman. Ao dar voz à uma comunidade antes silenciada, a obra coloca o super-herói negro no centro da opinião pública. Quem não gosta do filme, muitas vezes quem é fã de filmes concorrentes, tem sua opinião invalidada.

Massa ou multidão

Por fim, outra reflexão importante se dá a partir de como acontece a relação filme-audiência, de maneira mais ampla. O cinema, desde sua criação, é amplamente considerado um meio de massa. Algo que para o teórico espanhol Ortega y Gasset (1929), se define como “[...] todo aquele que não atribui a si mesmo um valor - bom ou mau - por razões especiais, mas se sente 'como todo mundo' e, certamente, não se angustia com isso, sente-se bem por ser idêntico aos demais”. O autor propõe que a massa é manipulável, não pensa por si só e que o homem-massa, é “um tipo estranho e geral” (MOREIRA, 2014).

Porém, as respostas observadas não se encaixam no conceito de massa. Percebe-se que apesar do meio ser um dos tratados pelo autor, a recepção ocorreu de outro modo. Assim, as análises de Michael Hardt e Toni Negri (2004) se mostram relevantes. Eles atualizam as ideias do autor, e repensam o significado de outra palavra: multidão. Para eles, a multidão não é qualitativa, mas quantitativa. É um aglomerado de indivíduos pensantes que se juntam devido a ideias semelhantes. Então, após comparar as ideias dos diferentes autores, conclui-se que:

Temos, portanto, dois modelos de entendimento das construções coletivas: por um lado, o esfacelamento dos laços comuns em prol de modelos padronizados de comportamentos políticos facilmente manipuláveis e, por outro lado, a aposta em novos rearranjos políticos a partir da crença de que a multidão é ativa e propositiva. (MOREIRA, 2014).

Deste modo, é possível afirmar que na visão de Ortega y Gasset, a audiência do filme teria um comportamento de massa, enquanto na visão de Hardt e Negri, seria considerada uma multidão. A visão mais positiva e atual se mostra mais correta. Nota-se que grande parte do público do filme não está apenas seguindo um *trend*, não gosta do filme só porque “todo mundo gosta”, mas sim porque se vê representada. A audiência de Pantera Negra é uma audiência pensante, que gosta do filme por sua mensagem.

Conclusões e considerações

A Marvel Entertainment, através de seus diversos produtos e histórias, mostra-se como grande exemplo de como funciona um sistema *fandom*. Devido ao grande número de personagens diversos e ao grande elenco dos quase 20 filmes produzidos pela companhia, os fãs conseguem facilmente se identificar com uma causa e se engajar em prol dela, com ou sem a participação direta de celebridades.

Neste sentido, Pantera Negra é considerado por muitos como revolucionário por ser o primeiro filme *mainstream* com um super-herói negro como protagonista. Traz a tona problemas sociais enfrentados no mundo inteiro. Mesmo sem tratar propriamente de assuntos raciais em sua trama, é responsável por gerar debates relacionados a representatividade e a negritude. O filme, mostra seu poder transformador ao atingir números impressionantes, sendo um exemplo de como a indústria cultural, apesar de visar o lucro, pode ter um impacto positivo na sociedade ao conscientizar e representar milhares de pessoas.

Esse fenômeno faz parte de uma nova configuração literária em que o leitor deixa de ser passivo e passa a criar conteúdo. Como explicado por Amaral (2014), tais mobilizações socioculturais se caracterizam como formas de resistência. Mais especificamente, encaixam-se em uma perspectiva de micro resistência cultural sutil e cotidiana (De CERTEAU, 1994 *apud* AMARAL, 2014).

Pode-se dizer que as manifestações criadas dentro do *fandom* da Marvel se equivalem em quantidade e qualidade aos objetos de origem de modo a apresentar impactos reais e positivos na sociedade. O fã-ativismo produzido atualmente ganha força graças às redes sociais e a Internet. Por outro lado, a dimensão do filme torna inevitável o surgimento de *haters*, que criticam o filme de maneira exagerada, e de um público neutro, com críticas válidas. Com a opinião pública favorável a obra, ambos os grupos são silenciados.

Referências

AGBABIKA, Precious. “**‘Young black people can be heroes too’: the campaign to send kids to see Black Panther**”. The Guardian, 2018. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/film/filmblog/2018/feb/09/black-panther-challenge-kids-race-identity-empowerment>>. Acesso em: 02 nov 2018.

AMARAL, Adriana; COIMBRA, Michele. **Expressões de ódio nos sites de redes sociais: o universo dos haters no caso #eunãomereçoserestuprada**. Revista Contemporânea. Bahia, 2015. Disponível em: <<https://portalseer.ufba.br/index.php/contemporaneaposcom/article/view/14010/9879>>. Acesso em: 03 nov 2018.

AMARAL, Adriana; SOUZA, Rosana Vieira de; MONTEIRO, Camila. “**De Westeros no #vemprarua à shippagem do beijo gay na TV brasileira**”. **Ativismo de fãs: conceitos, resistências e práticas na cultura digital brasileira**. Intercom. Foz do Iguaçu, 2014. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2014/resumos/R9-2644-1.pdf>>. Acesso em: 03 nov 2018.

BLACK Panther. Direção: Ryan Coogler. Produção: Kevin Feige. CA, EUA: Marvel Studios, Disney, 2018. (134 min), son., color.

CORRÊA, Laura Guimarães. **O filme Pantera Negra e os rolezinhos ativistas no Brasil**. GrisLab. Disponível em: <<http://grislab.com.br/o-filme-pantera-negra-e-os-rolezinhos-ativistas-no-brasil/>>. Acesso em: 03 nov 2018.

GONÇALVEZ, Juliana. **Pantera Negra leva “público exótico” ao shopping Leblon**. The Intercept, 2018. Disponível em:

<<https://theintercept.com/2018/02/21/pantera-negra-shopping-leblon/>>. Acesso em: 04 nov 2018.

MIRANDA, Fabiana Moés. **Fandom: Um novo sistema literário digital**. In: Hypertextus n.3, Jun. 2009. Disponível em: <<http://www.hipertextus.net/volume3/Fabiana-Moes-MIRANDA.pdf>>. Acesso em: 03 nov 2018.

MOREIRA, Rejane de Mattos. “Os processos de massificação: fronteiras entre massa e multidão”. In: SOUZA, Rose Mara Vidal de; MELO, José Marques de; MORAIS, Osvando J. de (Orgs). **Teorias da comunicação: correntes de pensamento e metodologia de ensino**. São Paulo; INTERCOM, 2014, p. 15-33. Disponível em: <<http://www.portcom.intercom.org.br/ebooks/arquivos/8ba840f439e5d6b8c5eb6ce94faeca68.pdf>> Acesso em: 15 abr. 2019.

ROCHA, Liana Vidigal; ARAÚJO, Valmir; JÚNIOR, Raimundo Gama da Silva. “Espiral do Silêncio e Mídias Sociais: a participação da opinião pública no Twitter”. In: SOUZA, Rose Mara Vidal de; MELO, José Marques de; MORAIS, Osvando J. de (Orgs). **Teorias da comunicação: correntes de pensamento e metodologia de ensino**. São Paulo; INTERCOM, 2014, p. 152-179.

GIL, Antonio Carlos. Métodos e técnicas de pesquisa social. São Paulo. Editora Atlas, 2008. Disponível em: <<https://ayanrafael.files.wordpress.com/2011/08/gil-a-c-mc3a9todos-e-tc3a9cnicas-de-pesquisa-social.pdf>>. Acesso em: 15 abr. 2019.

ALMEIDA, Amanda Holtz Brito; ALCÂNTARA, Mariana Menezes. A Queda de Dilma à luz das Teorias da Comunicação. Intercom. Salvador, 2018. Disponível em: <<http://portalintercom.org.br/anais/nacional2018/resumos/R13-1112-1.pdf>> Acesso em: 15 abr. 2019.

REBS, R. R.; ERNST, A. Haters e o discurso de ódio: entendendo a violência em sites de redes sociais. Diálogo das letras, pau dos ferros, v. 06, n. 02, p. 24-44, jul./dez. 2017. Disponível em: <<http://periodicos.uern.br/index.php/dialogodasletras/article/view/2676/1456>> Acesso em: 15 abr. 2019.